

Tradição, memória e contar histórias:

Walter Benjamin, da literatura à política¹

Fernando Araújo Del Lama²

Resumo: Trata-se de destacar, na obra de Walter Benjamin, o contexto literário no qual surgem os conceitos de *tradição, memória e contar histórias* (*erzählen*), recorrendo, para tanto, a seus ensaios sobre autores tais como Charles Baudelaire, Marcel Proust e Nikolai Leskov, bem como enfatizar o modo como o conceito de experiência (*Erfahrung*) os articula e permite a unificação de seus sentidos no plano das reflexões políticas do filósofo.

Palavras-chave: Walter Benjamin, tradição, memória, contar histórias, literatura.

Tradition, memory and storytelling: Walter Benjamin, from literature to politics

Abstract: We intend to remark, in Walter Benjamin's work, the literary context in which the concepts of *tradition, memory and storytelling* (*erzählen*) arise, using for this purpose his essays on authors such as Charles Baudelaire, Marcel Proust and Nikolai Leskov, as well as emphasize how the concept of experience (*Erfahrung*) articulates them and allows the unification of their senses in the plan of his political reflections.

Keywords: Walter Benjamin, tradition, memory, storytelling, literature.

¹ Uma primeira versão deste texto foi discutida no Grupo de Orientação coordenado pelo Prof. Ricardo Terra, a cujos membros Ana Claudia “Anita” Lopes, Beatriz Chaves e Lutti Mira, além do próprio coordenador, o autor agradece pela leitura atenta e pelas sugestões. Registre-se, ainda, o agradecimento ao parecerista anônimo, cujas sugestões auxiliaram a dar ao texto a configuração aqui apresentada.

² Doutorando em Filosofia na Universidade de São Paulo (USP), com pesquisa sobre a noção de materialismo em Walter Benjamin orientada pelo Prof. Ricardo Ribeiro Terra e financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), de acordo com o processo nº 2017/05560-5. E-mail: dellama.f@gmail.com.

I've throttled back
I've dialed myself down
I'm done with that
I'll build myself a sun
[...]
This will be my tribe, my family
This will be my flag and nation
This will be my creed, my legacy
Will you follow me?³

Pain of Salvation, Full Throttle Tribe
(Letra: Daniel Gildenlöw)

Introdução

Na pesquisa sobre Walter Benjamin⁴, é ponto pacífico que algumas de suas constelações conceituais surgem em contextos de diálogos com obras literárias, ainda que não permaneçam restritas a eles no desenvolvimento ulterior de sua obra. O conceito de mito, por exemplo, recebe importantes determinações no ensaio sobre os poemas de Friedrich Hölderlin⁵ e no ensaio sobre “As afinidades eletivas de Goethe”⁶, ao passo que será central, em sua faceta moderna, para a constituição de sua crítica da modernidade nos anos 1930⁷. O ensaio sobre o romance de Goethe é, também, o

³ “Eu desacelerei / Diminui meu ritmo / Estou farto disso / Vou construir um sol pra mim [...] Essa será minha tribo, minha família / Essa será minha bandeira e nação / Esse será o meu credo, meu legado / Você irá me seguir?” (tradução livre) GILDENLÖW, Daniel; ZOLBERG, Ragnar. *Full Throttle Tribe*. Intérprete: Pain of Salvation. In: PAIN OF SALVATION. *In the Passing Light of Day*. Dortmund: InsideOut Music, 2017. 1 CD (ca. 72 min.). Faixa 5 (9 min 5 s).

⁴ Os textos de Walter Benjamin são citados de acordo com a edição *Gesammelte Schriften*, estabelecida por Rolf Tiedemann e Hermann Schweppenhäuser e editada em sete volumes pela editora Suhrkamp entre 1972 e 1989, abreviada por GS, seguida da indicação do volume em algarismos românicos e do tomo em algarismos arábicos, além da página, também em algarismos arábicos; quando são mencionados fragmentos das *Passagens*, portanto do volume V, são indicadas entre parênteses as entradas referentes aos fragmentos. Os textos inseridos em volumes já publicados da edição crítica [*Werke und Nachlaß. Kritische Gesamtausgabe*] são indicados de modo complementar, através da abreviatura *WuN*, seguida da indicação do volume e página, ambos em algarismos arábicos. Do mesmo modo, as cartas são citadas de acordo com a edição *Gesammelte Briefe*, editada em 6 volumes pela editora Suhrkamp entre 1995 e 2000. Quando necessário, são indicados na sequência, entre parênteses, ano e página das traduções utilizadas, as quais podem ser conferidas nas referências bibliográficas ao final do texto.

⁵ BENJAMIN, W. GS II-1, pp. 105 ss [2011, pp. 13 ss].

⁶ BENJAMIN, W. GS I-1, pp. 123 ss [2009, pp. 11 ss].

⁷ “Enquanto ainda houver um mendigo”, anota Benjamin, “ainda haverá mito” BENJAMIN, W. GS V-1, p. 505 <K 6, 4> [2018b, p. 677]. Evidentemente, trata-se aqui da acepção moderna do mito, baseada, como propõe Marc Berdet, na repetição e na reconciliação das contradições sociais em um tempo perdido recuperado (ver BERDET, M. *Eight Thesis on Phantasmagoria.. Anthropology & Materialism* [Online], vol. 1, 2013, particularmente as proposições 7.3.1 e 7.3.2). Para um estudo mais detido a respeito das mutações do conceito de mito e de seus derivados ao longo da obra de Benjamin, ver HARTUNG, G. “Mythos”, in: OPITZ, M; WIZISLA, E (Hrsg.). *Benjamins Begriffe*. Bd 2. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2000, pp. 552 ss.

palco das distinções entre *crítica* e *comentário*, entre *teor de verdade* (*Wahrheitsgehalt*) e *teor coisal* (*Sachgehalt*), retomadas no contexto das reflexões metodológicas do complexo das *Passagens*⁸, o projeto historiográfico-político que ocupou o espírito de Benjamin ao longo dos últimos anos de vida. Já os conceitos de *tradição, memória e contar histórias*⁹ (*erzählen*) têm seus alicerces construídos, respectivamente, em ensaios dedicados a Baudelaire, Proust e Leskov; tais “pilares literários” serão retomados posteriormente e reforjados no âmbito político. Como lembrou Hannah Arendt, aliás, “nos raros momentos em que se preocupou em definir o que estava fazendo, Benjamin se considerava um crítico literário”¹⁰; desse modo, fica subentendido que o material primordial de suas reflexões são obras literárias, ainda que se faça, também, crítica filosófica e crítica social a partir deste material. É, pois, a configuração que cada um desses conceitos assume no diálogo com as obras literárias, o entrelaçamento deles com o tema da experiência (*Erfahrung*), bem como a

⁸ Em carta a Theodor Adorno de 09 de dezembro de 1938, em resposta às críticas de seu amigo à ausência de mediação teórica no arranjo dialético apresentado em seu ensaio “A Paris do Segundo Império em Baudelaire”, Benjamin defende e detalha seu método crítico, reafirmando a precedência da atitude filológica em relação à interpretação teórica, “no realce dos teores coisais [*Sachgehalte*] nos quais o teor de verdade [*Wahrheitsgehalt*] seria desfolhado historicamente”. BENJAMIN, W. GB VI, p. 186 [2012, p. 415, tradução modificada].

⁹ Seguindo tendências mais recentes para a tradução de *der Erzähler*, que optam por *the storyteller* no inglês, por *le conteur* no francês e por *el cuentacuentos* no espanhol em vez de *the narrator, le narrateur* e *el narrador*, respectivamente, utilizou-se neste artigo a expressão *o contador de histórias* em vez de *o narrador* – tendências essas que inclusive se exprimem na recente tradução de Patrícia Lavelle, em BENJAMIN, W. “O contador de histórias. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”, in: _____. *A arte de contar histórias*. São Paulo: Hedra, 2018, bem como na tradução de João Barreto, em BENJAMIN, W. “O contador de histórias: reflexões sobre a obra de Nikolai Leskov”, in: *Linguagem, tradução e literatura (filosofia, teoria e crítica)*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018a. Tais tendências encontram eco, ainda, na compreensão do próprio Benjamin: em um bilhete escrito em francês, datado de 13 de dezembro de 1939, que acompanhou o envio tanto da versão original alemã quanto da tradução para o francês do ensaio sobre Leskov para o filósofo alemão exilado em Paris Paul L. Landsberg, Benjamin escreve: “Eis ‘o narrador’ [*le narrateur*] (mas seria preferível traduzir: O contador de histórias [*Le conteur*])”. BENJAMIN W. GB VI, p. 367; BENJAMIN, W. “O contador de histórias: reflexões sobre a obra de Nikolai Leskov”. *Op. cit.*, p. 139, nota 142; PINHO, A.; MACHADO, F. P. “Coligir, traduzir, editar W. Benjamin. Notas sobre uma coleção que inicia”, in BENJAMIN, W. *A arte de contar histórias*. São Paulo: Hedra, 2018, p. 13. Essa opção de tradução se ampara na distinção entre as concepções literária e histórico-antropológica desta figura: o *Erzähler* tratado pelo autor não é o “narrador” meramente literário, aquela entidade fictícia que enuncia o discurso no interior de uma narrativa, acepção mais comum do termo, mas possui contornos histórico-antropológicos bastante delineados, como o “contador de histórias”, aquele capaz, por excelência, de intercambiar experiências oralmente com seus ouvintes, em seu sentido pleno; trata-se, em suma, de enfatizar tanto a *ação de contar* quanto as *histórias que são contadas*. Assim, por razões de adequações terminológicas, optou-se por utilizar a tradução mais recente do ensaio sobre Leskov, empreendida por Patrícia Lavelle (em BENJAMIN, W. “O contador de histórias. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”, in: _____. *A arte de contar histórias*. São Paulo: Hedra, 2018), devidamente cotejada com os textos originais (em BENJAMIN, W. GS II-2, pp. 438-465; GS II-3, pp. 1290-1309), bem como com a tradução clássica de Sérgio Paulo Rouanet (em BENJAMIN, W. “O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”, in: _____. *Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2012) e com a de João Barreto (em BENJAMIN, W. “O contador de histórias: reflexões sobre a obra de Nikolai Leskov”. *Op. Cit.*), fazendo as adaptações necessárias.

¹⁰ ARENDT, H. “Walter Benjamin (1892-1940)”, in: _____. *Homens em tempos sombrios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 168. Na sequência dessa passagem, Arendt comete um pequeno equívoco ao atribuir a Scholem a caracterização da aspiração de Benjamin em ser “o primeiro crítico da literatura alemã”, sendo que foi o próprio Benjamin quem assim se caracterizou, em carta a Scholem de 20 de janeiro de 1930 – ver BENJAMIN, W. GB III, p. 502.

indicação de como eles se articulam no plano político de luta contra o fascismo, que constituem os objetos da investigação deste artigo.

A exposição acompanhará o seguinte percurso geral: serão esquadinhadas as determinações literárias dos conceitos de *tradição, memória e contar histórias* a partir do exame de passagens dos ensaios “Sobre alguns motivos na obra de Baudelaire”, de 1939, “A propósito da imagem de Proust”, de 1929, e “O contador de histórias. Considerações acerca da obra de Nikolai Leskov”, de 1936. Dada a interpenetração dos temas, cabe observar de antemão que a ordem dos textos não será rigorosamente seguida, sendo esta preterida em função da construção argumentativa; optou-se, assim, por um esquema expositivo em “formato de espiral”, por assim dizer, no qual os temas já examinados são frequentemente recuperados e reinseridos em novas constelações conceituais, as quais auxiliam na iluminação de aspectos complementares deles. Em seguida, a atenção será dedicada à extensão de cada um desses temas do âmbito literário ao político.

I

Embora perasse toda a obra de Benjamin, é apenas no contexto de suas investigações materialistas sobre a modernidade que a concepção de experiência é rearticulada em função de sua “irmã decaída”, a vivência (*Erlebnis*). Apesar disso, são raras as linhas em que ele traça distinções diretas entre ambas. “O que distingue a experiência da vivência”, destaca Benjamin numa dessas oportunidades, “é o fato de que a primeira não pode ser dissociada da ideia de uma continuidade, de uma sequência”¹¹. Tais continuidade e sequência são fortalecidas justamente pela presença da tradição no seio de uma comunidade, já que “a experiência é matéria da tradição, na vida coletiva como na privada. Constitui-se menos a partir de dados isolados rigorosamente fixados na memória, e mais a partir de dados acumulados, muitas vezes não conscientes, que afluem à memória”¹². Ora, mediante o elo estabelecido aqui por Benjamin entre as noções de experiência, tradição e os dados inconscientes que afluem à memória, reforça-se o caráter onipresente da tradição no contexto da organização comunitária: ela constitui, mantém e salvaguarda um

¹¹ BENJAMIN, W. GS V-2, p. 962 <m 2a, 4> [2018b, p. 1279]. Essa mesma distinção se aplica, também, à temporalidade inerente a cada uma das modalidades de experiência: como explora Andrew Benjamin, “o tempo da *Erlebnis* difere fundamentalmente do tempo da *Erfahrung*. O primeiro envolve a temporalidade do momento único e fragmentado enquanto o segundo envolve a continuidade sequencial no interior da tradição” BENJAMIN, A. “Tradition and Experience. Walter Benjamin's 'On Some Motifs in Baudelaire'”, in: _____ (Ed.). *The Problems of Modernity: Adorno and Benjamin*. London: Routledge, 1989, p. 132.

¹² BENJAMIN, W. GS I-2, p. 608 [2015, p. 107].

conjunto de memórias que atravessa tanto a vida privada quanto a vida coletiva dos sujeitos integrantes de uma comunidade – “a tradição no sentido de Benjamin”, complementa Andrew Benjamin, “demanda e cria unidade. Não apenas deve a comunidade de ouvintes estar unificada, mas a história e o contar histórias devem, também, afastar a possibilidade de fragmentação”¹³. Contudo, no contexto moderno, dadas as investidas que as relações societárias atentam contra o modelo comunitário¹⁴, Benjamin reconhece o enfraquecimento da presença hegemônica da tradição na modernidade, mas enxerga na emancipação em relação à temporalidade moderna que é intrínseca aos dias de festa, os dias de culto, uma possibilidade efetiva de estabelecer esta intersecção entre memórias privadas e coletivas. De acordo com Benjamin:

Nas situações em que domina a experiência no sentido estrito do termo, conjugam-se na memória determinados conteúdos do passado individual com os do coletivo. Os cultos, com os seus ceremoniais, as suas festas [...], produziam reiteradamente a fusão entre essas duas matérias da memória. Provocavam a rememoração em determinados momentos e continuavam a ser oportunidades de rememorar ao longo de toda a vida. Desse modo, a rememoração voluntária e a involuntária perdem a sua exclusividade recíproca¹⁵.

Comentando a passagem em questão, Luciano Gatti ressalta que:

Benjamin aqui, não se refere apenas à memória individual desses cultos coletivos, mas a uma memória que se realiza na coletividade, e, mais, que é elemento decisivo para a integração de uma coletividade. Nos cultos, há o reconhecimento de uma história comum e de uma relação profunda entre as práticas atuais e a reiteração de certos costumes tradicionais. É a partir desses momentos, e isso é o mais importante para Benjamin, que a verdadeira experiência se constitui, justamente pelo contato reiterado com o passado, pela possibilidade da experiência das gerações passadas ser comunicada às gerações atuais e,

¹³ BENJAMIN, A. “Tradition and Experience”. *Op. cit.*, p. 127. Mais adiante no mesmo ensaio, o autor acrescenta que “há uma reciprocidade de doação de identidade entre o contador de histórias e a comunidade. O elo entre eles, no entanto, não se dá apenas nos termos de identidade, mas também é o caso de que são ambos locais de repetição, e, portanto, indispensáveis para a continuidade da tradição”. *Ibid.*, p. 128.

¹⁴ A oposição binária entre, de um lado, a organização comunitária, uma *Gemeinschaft*, baseada na estreiteza dos laços sociais entre os membros, na manutenção das tradições dos antepassados, no trabalho artesanal e na valorização dos interesses coletivos, e do outro, a organização societária, uma *Gesellschaft*, baseada na distância entre os membros, na vida urbana, na complexa divisão do trabalho e na estima dos interesses individuais, deve-se, em larga medida, à obra *Comunidade e Sociedade*, de Ferdinand Tönnies, que ao lado da *Filosofia do dinheiro*, de Georg Simmel, influenciou toda uma geração de pensadores – Benjamin, inclusive –, que floresceram nas primeiras décadas do século XX, como Michael Löwy bem o mostra em LÖWY, M. *Para uma sociologia dos intelectuais revolucionários: a evolução política de Lukács (1909-1929)*. São Paulo: LECH, 1979, pp. 23 ss, a respeito de Tönnies; pp. 35 ss, a respeito de Simmel.

¹⁵ BENJAMIN, W. GS I-2, p. 611 [2015, p. 110].

consequentemente, às gerações futuras, numa retomada da tradição afirmada em dias especiais, os dias de festa, que se destacam do desenrolar cotidiano do tempo como dias de rememoração. A memória, assim, não é só a recordação de uma experiência vivida no passado, mas a sua atualização no presente, reiterando seu sentido aos dois tempos numa comunicação mais íntima entre eles¹⁶.

Gatti é preciso ao destacar o potencial de articular passado-presente-futuro na conjugação das esferas individual e coletiva inerente aos dias de festa a partir da retomada da tradição neles atualizada; além disso, ele também mostra com clareza como tal problemática se insere num quadro mais amplo, relacionando-a aos temas da experiência e da memória.

Em um momento mais avançado do mesmo ensaio, mais precisamente no capítulo X, dedicado à dinâmica entre o *Spleen* e o *Ideal* na lírica baudelairiana, Benjamin constata o enfraquecimento da tradição na grande cidade na seguinte passagem:

Fazer coincidir o reconhecimento de uma qualidade com a mediação de uma quantidade foi obra dos calendários, que, com os feriados, como que deixavam livres os espaços da rememoração. O indivíduo que se vê privado de experiência sente-se como se tivesse sido expulso do calendário. O citadino toma conhecimento dessa sensação aos domingos, Baudelaire experimenta-a *avant la lettre* num dos poemas do ciclo do *spleen*:

De repente alguns sinos, em fúria, repicam
E lançam para o céu um assustador lamento,
Enquanto alguns espíritos sem pátria, à deriva,
Começam a gemer obstinadamente.

Os sinos, que outrora acompanhavam os dias festivos, foram, como os homens, expulsos do calendário. Parecem-se com as pobres almas que andam de um lado para o outro, mas não têm história¹⁷.

É, pois, somente aos domingos e feriados que os habitantes das grandes cidades podem escapar ao trabalho alienado – ou estranhado – e automático do regime fabril¹⁸, sendo-lhes possível atentar para a singularidade de seus eventos, bem

¹⁶ GATTI, L. O *ideal* de Baudelaire por Walter Benjamin. *Trans/Form/Ação*, (São Paulo), v. 31(1), 2008, p. 132.

¹⁷ BENJAMIN, W. GS I-2, pp. 642-3 [2015, p. 140].

¹⁸ A referência aqui é, evidentemente, a temática marxiana do trabalho alienado, com a qual Benjamin teve contato através da coletânea *Der historische Materialismus. Die Frühschriften*, editada em 2 volumes em 1932. Nela, foi apresentada, sob o título de *Nationalökonomie und Philosophie*, uma versão parcial dos *Manuscritos econômico-filosóficos* – ver MARX, K. *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2010 –, a qual Benjamin cita nos materiais das *Passagens*. Para mais detalhes a

como para a conexão latente deles com a tradição cultural e com a memória coletiva. E a estrofe extraída de um dos poemas intitulados “Spleen” d’*As flores do mal* ressalta, justamente, o desespero diante da exclusão desses dias do calendário.

II

Para uma compreensão mais apurada da problemática da memória na obra de Benjamin, requer-se uma atenção especial quanto ao desenvolvimento conceitual feito no ensaio “A propósito da imagem de Proust”. Em uma passagem fundamental deste ensaio, Benjamin levanta o seguinte questionamento:

Sabemos que Proust não descreveu em sua obra uma vida como ela de fato foi, e sim uma vida recordada por quem a viveu. Porém esse comentário ainda é difuso, e demasiadamente grosseiro. Pois o principal, para o autor que recorda, não é o que ele viveu, mas o tecido de sua recordação, o trabalho de Penélope da rememoração. Ou seria talvez preferível falar do trabalho de Penélope do esquecimento? Não se encontra a memória involuntária de Proust muito mais próxima do esquecimento do que daquilo que em geral chamamos de recordação? E não seria esse trabalho de rememoração espontânea, em que a lembrança é a trama e o esquecimento a urdidura, muito antes o oposto do trabalho de Penélope, ao invés de sua cópia?¹⁹

Neste trecho, Benjamin comprehende, a partir do romance monumental de Proust, que há uma discrepância entre o caráter objetivo dos eventos fixados em nossa memória e o modo como nos recordamos deles e os narramos, mais amplo e subjetivo. E é justamente tal discrepância que, dada a abertura de sentido em relação ao passado, permite nossa reelaboração dele, o tecer do tecido de nossa memória. Com as questões que propõe, Benjamin sugere uma dinâmica entre as formas de

respeito das particularidades da edição a qual Benjamin teve acesso, ver MUSTO, M. Os Manuscritos econômico-filosóficos de 1844 de Karl Marx: dificuldades para publicação e interpretações críticas. *Caderno CRH*, vol. 32, n. 86, Salvador, Mai/Ago 2019.

¹⁹ BENJAMIN, W. GS II-1, p. 311 [2012, p. 38, tradução modificada]. As modificações na tradução se devem a uma tentativa de uniformização dos termos utilizados por Benjamin para as diferentes modalidades de lidar com o passado. De fato, tratar indistintamente alguns desses termos pode acarretar sérios problemas de interpretação. Assim, por recordar (*erinnern*) e recordação (*Erinnerung*) deve-se entender o tipo de relação próximo do ato consciente, da *memória voluntária*, e, portanto, do âmbito acinzentado da *vivência*; já por rememoração (*Eingedenken*) deve-se entender o tipo de relação próximo do inconsciente, da *memória involuntária*, logo, da abertura de significação permitida pelas cores da *experiência*. Tais opções vão de encontro, é verdade, com aquelas feitas na revisão técnica, de Márcio Seligmann-Silva, em 2012, para a tradução do ensaio de Benjamin sobre Proust (publicada na década de 1980). Em nota, o revisor justifica sua proposta de tradução de “*Erinnerung* por rememoração ou por recordação e de *Eingedenken* por reminiscência” (em BENJAMIN, W. “A imagem de Proust” in: *Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura*. 8^a ed. revista. São Paulo: Brasiliense, 2012, p. 38, nota 1). Considerando-se, porém, os estudos que compõem a recepção brasileira da obra benjaminiana, optou-se por manter as traduções mais difundidas, a saber, *Erinnerung* por *recordação* e *Eingedenken* por *rememoração*.

recordação e o esquecimento: primeiro, ele aproxima a memória involuntária proustiana do esquecimento e a afasta da recordação (*Erinnerung*), vinculada à consciência; em seguida, cria uma mediação entre a lembrança consciente e a memória involuntária, atrelada ao esquecimento, valendo-se do conceito de rememoração espontânea (*spontan Eingedenken*), responsável por trazer os dados da rememoração à compreensão consciente. “A atividade de recordar”, observa Luciano Gatti, “para ser constitutiva da experiência, deve atualizar essa tradição no presente daquele que recorda”, sendo que “Benjamin conferiu essa tarefa ao conceito de rememoração [*Eingedenken*]. [...] Ele remete não só à conjunção de passado e presente, mas também a uma referência a dados do passado coletivo que tornaria possível o contato entre o indivíduo e a tradição”²⁰. É, pois, essa “rememoração presentificada” que dará o tom das reflexões benjaminianas.

Segundo Bolz, em Benjamin o termo rememoração:

nada tem a ver com lembrança ou memória ou recordação no uso corriqueiro destes termos. *Eingedenken* é um lembrar contra. [...] Existe, portanto algo assim como uma contra-memória, um lembrar-se contra, e esta contra-memória torna possível algo que é, para nós, o que há de mais surpreendente na teoria da história de Benjamin, a saber, concebermos o passado como algo inacabado, algo que não está fechado²¹.

É exatamente este “lembrar contra”, este escovar a memória a contrapelo que o conceito de rememoração carrega em sua essência o instrumento básico com o qual Benjamin parte de Proust para ultrapassá-lo. No romancista francês, o gatilho da memória involuntária é inteiramente obra do acaso: ora, muito provavelmente não haveria romance algum se a personagem Marcel não experimentasse o chá com *madeleine* e, através dele, mergulhasse de maneira tão vívida em seu passado mais remoto. Esse contexto incerto investe tal passado de uma aura especial, já que são mínimas as chances de esse retorno tão vívido ao passado efetivamente ocorrer; além disso, tal procedimento está mais próximo do esquecimento do que da lembrança consciente pela própria natureza das memórias evocadas, isto é, longínquas, mas perenes e propícias à experiência.

E Benjamin continua sua distinção do seguinte modo:

²⁰ GATTI, L. *Memória e distanciamento na teoria da experiência de Walter Benjamin*. Dissertação (Mestrado), Universidade Estadual de Campinas, 2002, p. 15.

²¹ BOLZ, N. É preciso teologia para pensar o fim da História? *Revista USP*, set./out./nov. 15(3), 1992, p. 28.

Pois aqui é o dia que desfaz o trabalho da noite. Em cada manhã, ao accordarmos, em geral fracos e apenas semiconscientes, seguramos em nossas mãos apenas algumas franjas da tapeçaria da existência vivida, tal como o esquecimento a teceu para nós. Mas cada dia, com as ações intencionais (*zweckgebunden*) e, mais ainda, com o lembrar intencional que a ele prende (*zweckverhafteren*), desfaz os fios, os ornamentos do esquecimento²².

Aqui, a distinção entre o trabalho de Penélope e o tecer da memória involuntária proustiana se completa e se justifica. Enquanto Penélope tecia o sudário durante o dia e o desmarchava durante a noite para se manter fiel a Ulisses, com Proust, representando paradigmaticamente a época e o homem modernos, ocorre justamente o contrário: são os dias que, mediante as mais banais vivências conscientes, impulsionados pelos choques com os quais se deparam cotidianamente os habitantes das grandes cidades, desfazem o árduo trabalho do esquecimento de conservação dos ínfimos traços mnemônicos, os quais são fonte para a experiência.

Benjamin articulará a ideia de rememoração como via régia de acesso ao conteúdo mnemônico resguardado pela tradição em “Sobre alguns motivos na obra de Baudelaire”. No capítulo X, ele recorrerá aos poemas de Baudelaire que exploram o signo do *ideal* em sua argumentação. Ele identifica, a partir de um ensaio de Proust sobre Baudelaire, certas semelhanças em ambas as compreensões do tempo – como se, na verdade, o comentário de Proust a respeito de Baudelaire pudesse se referir facilmente à sua própria obra. Segundo esse comentário, o tempo em Baudelaire é completamente desagregado e entrecortado, de modo que poucos dias são destacados. Benjamin se aproveita dessa constatação para afirmar que esses dias que se destacam são justamente os “dias da rememoração, não marcados por qualquer vivência”. Estes “[n]ão se associam aos outros; pelo contrário, destacam-se no tempo”²³. O teor desses dias, segundo Benjamin, é fixado por Baudelaire no conceito de *correspondências*. “O essencial é que as *correspondances*”, argumenta o filósofo:

dão forma a um conceito de experiência que contém elementos de culto. Só se apropriando desses elementos Baudelaire pôde avaliar plenamente o que de fato significou a derrocada que ele, na sua condição de homem moderno, pôde testemunhar. Só assim pôde reconhecê-la como desafio que lhe era exclusivamente destinado, desafio a que correspondeu com *As flores do mal*²⁴.

²² BENJAMIN, W. GS II-1, p. 311 [2012, p. 38, tradução modificada].

²³ BENJAMIN, W. GS I-2, p. 637 [2015, p. 135].

²⁴ BENJAMIN, W. GS I-2, p. 638 [2015, p. 135].

Benjamin recorre especialmente a dois sonetos de temas semelhantes a fim de precisar o sentido do conceito de *correspondências*: o primeiro, intitulado justamente “Correspondências”, e o segundo, “A vida anterior”; dada a importância deles para a argumentação benjaminiana, ambos são integralmente reproduzidos a seguir.

Correspondências

A Natureza é um templo vivo em que os pilares
Deixam filtrar não raro insólitos enredos;
O homem o cruza em meio a um bosque de segredos
Que ali o espreitam com seus olhos familiares.

Como ecos longos que à distância se matizam
Numa vertiginosa e lúgubre unidade,
Tão vasta quanto a noite e quanto a claridade,
Os sons, as cores e os perfumes se harmonizam.

Há aromas frescos como a carne dos infantes,
Doces como o oboé, verdes como a campina,
E outros, já dissolutos, ricos e triunfantes,

Com a fluidez daquilo que jamais termina,
Como o almíscar, o incenso e as resinas do Oriente,
Que a glória exaltam dos sentidos e da mente.

A vida anterior

Muito tempo habitei sob átrios colossais,
Que o sol marinho em labaredas envolvia,
E cuja colunata majestosa e esguia
À noite semelhava grutas abissais.

O mar, que do alto céu a imagem devolvia,
Fundia em místicos e hieráticos rituais
As vibrações de seus acordes orquestrais
À cor do poente que nos olhos meus ardia.

Ali foi que vivi entre volúpias calmas,
 Em pleno azul, ao pé das vagas, dos fulgores,
 E dos escravos nus impregnados de odores,

Que a fronte me abanavam com as suas palmas,
 E cujo único intento era o de aprofundar
 O oculto mas que me fazia definhar²⁵.

Ambos os poemas são centrais na construção interpretativa de Benjamin, sendo tomados como pilares de sustentação na “arquitetura secreta” d’As Flores do Mal, já que evidenciam a dinâmica que dá nome ao primeiro ciclo de poemas, “Spleen e Ideal”; fundamental para a compreensão benjaminiana da modernidade, tal dinâmica revela a coexistência, repleta de tensões, entre o arcaico e o atual no interior da experiência moderna. À experiência da temporalidade plena do *ideal* complementa-se, pois, a experiência dilacerante da temporalidade da vida moderna, marcada pela melancolia do *spleen*, cuja definição precisa é fornecida por Benjamin em uma das notas integrantes do caderno das *Passagens* sobre Baudelaire como “o sentimento que corresponde à permanência da catástrofe”²⁶. Esta se dá pela desesperadora ausência de qualquer perspectiva de saída quando a dimensão experiencial do *spleen* é tomada isoladamente; acompanhada, porém, daquela fornecida pelo *ideal*, torna-se possível vislumbrar transcendê-la. Assim, a partir da apropriação das imagens extraídas dos poemas, que pintam um passado arcaico e de elementos naturais e humanos em plena harmonia e repletas da nostalgia de uma felicidade irrecuperável, Benjamin define o significado da noção de *correspondências* como:

²⁵ BAUDELAIRE, C. *As flores do mal: edição bilíngue*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006, pp. 127, 143, tradução modificada. De modo geral, os versos exprimem um tempo idílico, no qual os homens e a natureza estão em plena harmonia. Esta é evidenciada, por exemplo, nos dois últimos versos da primeira estrofe de *Correspondências*, nos quais o homem, após investir a natureza de sentido, é retribuído pelo olhar familiar da natureza – o que não deixa de conter traços da experiência aurática, na medida em que “ter a experiência da aura de um fenômeno significa dotá-lo da capacidade de retribuir o olhar” BENJAMIN, W. GS I-2, pp. 646-7 [2015, p. 143]. Já em *A vida anterior*, o eu lírico explicita, mediante o uso do tempo verbal *passé composé*, que a harmonia de outrora se encontra distante da condição atual. Além disso, essa harmonia é reforçada por uma série de imagens sinestésicas envolvendo cores, sons, aromas, texturas e sabores, as quais remetem a uma simbiose entre homem e natureza. Entretanto, trata-se de uma recriação artificial pelo poeta da imagem dessa experiência harmônica primeva, já que o poeta sabe que ela é irrecuperável ao homem contemporâneo. Recomenda-se, ainda, o minucioso comentário verso a verso feito por Gatti a estes dois poemas – ver GATTI, L. *O ideal de Baudelaire* por Walter Benjamin. *Op. cit.*, pp. 129-31 –, precedido por uma tradução que embora prescinda das rimas e da estrutura formal original, o faz em favor de maior literalidade e precisão conceitual.

²⁶ BENJAMIN, W. GS V-1, p. 437 <J 66a, 4> [2018b, p. 574].

uma experiência que procura um lugar ao abrigo de qualquer crise. Só é possível no âmbito do culto. [...] As correspondências são os dados da rememoração. Não são dados históricos, mas da pré-história. Aquilo que torna grandes e significativos os dias de festa é o encontro com uma vida anterior. [...] O passado acompanha as correspondências com um murmúrio; e a experiência canônica delas tem o seu lugar próprio numa vida anterior²⁷.

As *correspondências* possuem, portanto, claras conexões com os conceitos de tradição e rememoração; elas servem para, de uma perspectiva literária, emular a esfera de culto – e a segurança e a estabilidade nele proporcionadas – que perpassa a tradição rememorada nos dias de festa. Elas remetem a um passado idílico e imemorial, experienciado em uma “vida anterior”, no qual homem e mundo encontravam-se reconciliados, em plena harmonia. O conceito benjaminiano de rememoração nutre-se, pois, de duas nuances complementares que é preciso considerar: toma-se a harmonia primeva utópica da “vida anterior” como uma espécie de “ideia reguladora”, para a qual devem apontar, em última instância, os esforços do rememorar; entretanto, tais esforços pressupõem, como procedimento mais imediato, o reavivamento das esperanças despendidas nas tentativas anteriores de recuperação desse estado primevo, mediante a celebração da tradição rememorada nos dias de festa.

Como observa Andrew Benjamin, contudo:

as *correspondances* superaram os resultados da fragmentação sem superar a fragmentação do presente. Elas não retornam o que foi perdido, mas permitem uma experiência que não seja comprometida pelo choque da *Erlebnis*. [...] A importância da poesia de Baudelaire é que ela permitiu que a *Erfahrung* emoldurasse a *Erlebnis*. [...] Baudelaire converteu a *Erlebnis* em *Erfahrung*²⁸.

Assim, Baudelaire concebeu uma imagem poética em que o signo da experiência podia brilhar em meio à hegemonia das vivências. Restaria, pois, aos seus leitores insatisfeitos com a condição moderna – dentre os quais Benjamin foi o principal exemplo –, encontrar meios para tornar tais imagens concretas, efetivando suas possibilidades latentes de transformação da realidade.

²⁷ BENJAMIN, W. GS I-2, pp. 638-40 [2015, pp. 135-7]. A expressão “dados da pré-história” aludida nessa passagem deve ser entendida no sentido de “dados anteriores aos históricos”.

²⁸ BENJAMIN, A. “Tradition and Experience”. *Op. cit.*, p. 133. Algumas linhas adiante, o comentador esclarece e complementa o sentido de sua última afirmação do seguinte modo: “As *correspondances* permitiram a Baudelaire dar ao momento passageiro o ‘peso’ de uma experiência” *Ibid.*, p. 135.

III

O terceiro eixo central da argumentação proposta baseia-se no exame da problemática do *contar histórias*. É, pois, no ensaio “O contador de histórias”, sobre Leskov, que Benjamin agrupa suas reflexões sobre tal tema, conferindo-lhes a forma de uma teoria da arte de contar histórias. “Apresentar um Leskov como contador de histórias não significa trazê-lo para mais perto de nós, mas aumentar a distância que nos separa dele”²⁹, frisa Benjamin. Ele se esforça em mostrar, ao longo do ensaio, que essa distância não é, com efeito, um *problema*, mas a *causa* da necessidade de recuperar os elementos da obra de Leskov. Este, segundo Benjamin, é um dos raros escritores em que ganham relevo “os traços grandes e simples que caracterizam o contador de histórias”³⁰, isto é, o transmissor paradigmático da experiência, a figura responsável pela articulação entre experiência, memória e tradição no seio de uma comunidade. Andrew Benjamin resume tal articulação ao escrever que a tradição:

envolve uma forma particular de repetição, no interior da qual a ação desempenha um papel central. Repetição é uma transmissão. A tradição está então ligada a uma concepção específica de ação – uma concepção que é exemplificada pela figura do contador de histórias, que, ao contar uma história (isto é, pela ação), a retoma e a transmite. O contador de histórias emerge, portanto, como figura no interior da tradição. A ação impele a tradição a resistir e, assim, facilita sua continuidade³¹.

No entanto, como o próprio Benjamin mostra em capítulos centrais do ensaio, a figura do contador de histórias está em vias de desaparecer porque a expansão capitalista desfere um golpe quase letal nas formas artesanais de vida e em tudo o que elas sustentam. Como bom crítico marxista – ainda que assumidamente heterodoxo –, Benjamin observa que as mudanças têm início no âmbito do trabalho, sendo que também se exprimem nos âmbitos superestruturais; e são exatamente tais mudanças, particularmente no que tange às formas de comunicação e relação entre as pessoas, que receberão a atenção de Benjamin ao longo do ensaio. O crítico elenca algumas destas formas, dentre as quais destacam-se, para os propósitos deste

²⁹ BENJAMIN, W. GS II-2, p. 438 [2018, pp. 19-20, tradução modificada]. A tradutora opta, em algumas repetições do termo *Erzähler*, pelo uso de *contador* para traduzi-lo. No entanto, uma vez que não se dispõe da contextualização dada pela leitura linear do ensaio, optou-se por uniformizar a tradução de *Erzähler*, em todas as suas ocorrências, por *contador de histórias*, de modo a evitar quaisquer eventuais imprecisões de interpretação.

³⁰ BENJAMIN, W. GS II-2, p. 438 [2018, p. 20, tradução modificada].

³¹ BENJAMIN, A. “Tradition and experience”. *Op. cit.*, p. 134.

artigo, o contar histórias e o romance³². À primeira, que conserva a necessidade da oralidade, se contrapõe a segunda, vinculada à invenção da imprensa e às suas respectivas formas de difusão, como o livro. Os critérios para efetuar tal divisão, além da oralidade, estão ligados à ascensão da individualidade burguesa, propícia ao escritor e leitor isolados: “O que distingue o romance”, explica Benjamin,

em comparação com todas as outras formas de prosa – contos de fada, lendas e mesmo novelas – é que ele nem provém da tradição oral nem a ela conduz. Isso o distingue, especialmente, do contar histórias [*Erzählen*]. O contador de histórias tira o que ele conta da sua própria experiência ou da que lhe foi relatada por outros. E ele, por sua vez, o transforma em experiência para aqueles que escutam suas histórias. O romancista isola-se. O lugar de nascimento do romance é o indivíduo em sua solidão: aquele que não é capaz de expor suas preocupações mais altas de modo exemplar, é ele mesmo carente de conselhos e não sabe dá-los. Escrever um romance significa, na descrição da vida humana, levar o incomensurável a seus últimos limites³³.

É justamente a segregação do indivíduo burguês em relação a uma comunidade, ou conforme a expressão de Georg Lukács, esse “desabrigo transcendental”³⁴ (*transzendentale Heimatlosigkeit*), o principal elemento de diferenciação entre o escrever um romance e o contar histórias. O romance é típico do indivíduo em sociedade (*Gesellschaft*), o habitante da grande cidade, que não possui nada em comum com seus pares no trabalho ou com seus vizinhos. As histórias, por sua vez, são o que medeiam as relações entre os integrantes de uma comunidade (*Gemeinschaft*). As mudanças na organização desses indivíduos produzem reflexos, inclusive, nos aspectos mais basilares de suas respectivas formas hegemônicas de

³² No capítulo VI do ensaio sobre Leskov, Benjamin esquematiza a sucessão de formas hegemônicas de comunicação, e, após elencar o contar histórias, ligado à épica tradicional, e o romance, que floresceu concomitantemente à ascensão do indivíduo burguês moderno, apresenta a informação, que surgiu com o “apogeu da burguesia”, encontrando seu solo fértil no desenvolvimento da imprensa e na facilidade da difusão dos jornais; a informação caracteriza-se pela imediatez e pela proximidade dos conteúdos transmitidos – o que os distingue daqueles veiculados pelo contar histórias, que tratam, essencialmente, de temas distantes no tempo e no espaço (em BENJAMIN, W. GS II-2, pp. 443 ss [2018, pp. 27 ss]). Em “Sobre alguns motivos na obra de Baudelaire”, Benjamin retoma essas reflexões e acrescenta uma etapa posterior à informação, denominada “sensação” (*Sensation*) (em BENJAMIN, W. GS I-2, p. 611 [2015, p. 109]). Embora Benjamin não a explore detidamente, é possível deduzir que a “sensação” caracteriza-se por um nível ainda menor, quase nulo de abstração, algo que beira a pura empiria das faculdades sensitivas. Não obstante isso, recorre-se ao longo da presente argumentação apenas à transição do contar histórias ao romance, posto que essa passagem representa o primeiro grande golpe sofrido pelo predomínio do contar histórias; as etapas posteriores representam apenas novos níveis na degradação da experiência, tal como expressos nas relações de comunicação interpessoal.

³³ BENJAMIN, W. GS II-2, p. 443 [2018, p. 26, tradução modificada]. Tal procedência da tradição oral, bem como a necessidade de uma comunidade de ouvintes que caracterizam o contar histórias encontram ressonâncias contemporâneas, por exemplo, na literatura de cordel típica do nordeste brasileiro ou nos *griots* oriundos da África Ocidental.

³⁴ LUKÁCS, G. *A teoria do romance. Um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2009, p. 38.

comunicação: “‘O sentido da vida’ é de fato o eixo em torno do qual gira o romance”, ressalta Benjamin. E ele segue: “De um lado, ‘o sentido da vida’, de outro, ‘a moral da história’: com essas fórmulas, romance e história contada [*Erzählung*] se confrontam; elas permitem distinguir completamente o índice histórico do estatuto das duas formas artísticas”³⁵. Os aedos e rapsodos, que outrora cantavam os feitos dos grandes homens, transmitindo-os a seus ouvintes enquanto histórias, já perderam seu espaço; em seu lugar, modernamente, adveio a figura do romancista, que, do alto da solidão e de sua existência controversa, não pode transmitir nada com a exemplaridade de seus precursores. A ascensão do romance apenas apontava as tendências da vida para além da comunidade; ele foi uma espécie de expressão literária destas novas formas de vida. “O romance, cujos primórdios remontam à Antiguidade”, assevera Benjamin, “levou centenas de anos até encontrar na burguesia nascente os elementos de que precisava para florescer. Quando esses elementos entraram em cena, a história contada [*Erzählung*] começou lentamente a retroceder em direção ao arcaico”³⁶.

A apreciação de Benjamin a respeito da ascensão do romance não é reacionária, fundada em sua rejeição em bloco em nome do elogio do contar histórias evanescente, mas, a partir da constatação de sua inevitabilidade, procura identificar traços da antiga história que sejam compatíveis com a forma romanesca; aliás, alguns de seus escritores favoritos seguem essa linha – como o próprio mergulho na experiência da infância de Proust, ou as parábolas que interrompem a linearidade narrativa do romance de Kafka, por exemplo.

Outro aspecto atrelado ao contar histórias enfatizado por Benjamin é sua dimensão prática ou utilitária: “[t]al utilidade pode aparecer aqui numa moral, ali numa recomendação prática, ou ainda num provérbio ou numa regra de vida”³⁷, em suma, num conselho. “Conselho”, define Benjamin, “é menos a resposta a uma pergunta do que uma sugestão de continuação para uma história (que está se desenrolando)”³⁸. Saber aconselhar é, enfim, deter sabedoria – “o lado épico da verdade”³⁹ –, infelizmente cada vez mais ausente em nossa experiência ordinária. O protótipo do conselho é o conto de fadas. O conto de fadas, afirma Benjamin:

que ainda hoje é o primeiro conselheiro das crianças, pois foi outrora o primeiro da humanidade, sobrevive secretamente na história contada [*Erzählung*]. O primeiro contador de histórias verdadeiro é e continua

³⁵ BENJAMIN, W. GS II-2, p. 455 [2018, pp. 43-4, tradução modificada].

³⁶ BENJAMIN, W. GS II-2, p. 444 [2018, p. 27, tradução modificada].

³⁷ BENJAMIN, W. GS II-2, p. 442 [2018, p. 24]. “Provérbios são”, acrescenta Benjamin mais adiante, “ruínas que ocupam o lugar de antigas histórias nas quais uma moral cresce em torno de um gesto, como a hera abraça uma muralha” BENJAMIN, W. GS II-2, p. 464 [2018, p. 57].

³⁸ BENJAMIN, W. GS II-2, p. 442 [2018, p. 25].

³⁹ *Ibid.*

sendo o de contos de fadas. Tais contos sabiam trazer um bom conselho onde era difícil de obtê-lo, e onde a necessidade era a mais urgente, a sua ajuda era a que estava mais próxima. Essa necessidade era a do mito. O conto de fadas nos informa sobre as primeiras tentativas da humanidade em sacudir para fora o pesadelo que o mito depositou em seu peito. [...] A magia liberadora do conto de fadas não coloca em cena a natureza de um modo mítico, mas indica a sua cumplicidade com o ser humano liberado⁴⁰.

É, pois, recorrendo às circunstâncias primevas de combate ao mito que Benjamin visa extraír um modelo para confrontar o mito em sua acepção moderna: trata-se de resgatar a dimensão de abertura de sentido inerente aos contos de fadas – bem como sua sobrevivência nas histórias – e pô-la a serviço da superação do mito e do estabelecimento de uma relação de cumplicidade entre homem e natureza, já suscitada na discussão das “correspondências” e da “vida anterior”. O mito é a permanência do falso; e Benjamin visa “curar” a humanidade da doença mítica, valendo-se do poder do contar histórias⁴¹.

IV

Resta, agora, para cumprir o itinerário proposto, tecer algumas considerações a respeito do modo como Benjamin estabelece o elo entre literatura e política. De fato, os conceitos que organizaram a argumentação não ficam restritos ao âmbito estético, literário, mas Benjamin os articula também no plano de suas reflexões políticas. Ora, conforme sinaliza Kia Lindroos:

[a]jo enfatizar a transformação que ocorre nas várias formas de contar histórias, Benjamin [...] se atenta especificamente aos modos nos quais a narração oral é substituída por um intercâmbio individual de experiências (representado pelo nascimento do romance moderno). Mais tarde, ele expande a noção de transformação da tradição de intercambiar experiências para o contexto político e social⁴².

Além disso, o mesmo mecanismo opera também no conceito de *memória* e em conceitos a ele relacionado: como ressalta Gagnebin no capítulo dedicado às teses

⁴⁰ BENJAMIN, W. GS II-2, pp. 457-8 [2018, pp. 47-8, tradução modificada].

⁴¹ Benjamin alude às propriedades curativas do contar histórias em uma de suas *Imagens de pensamento*, intitulada “Conto e cura”. Ali, ele se pergunta se “não constituirão as histórias o clima adequado e a condição mais favorável de muitas curas? E ainda: não seria toda doença curável se se deixasse arrastar o mais longe possível – até a foz – pela correnteza do contar histórias?” BENJAMIN, W. GS IV-1, p. 430 [2013, p. 124, tradução modificada].

⁴² LINDROOS, K. Scattering community. Benjamin on experience, narrative and history. *Philosophy & Social Criticism*, vol. 27, n. 6, 2001, p. 22.

“Sobre o conceito de história” na coletânea organizada por Burkhardt Lindner, Benjamin tem em seu horizonte a busca por novas relações com o passado, posto que um de seus maiores referenciais é justamente o modelo estético de Proust, expandido, porém, ao domínio político da memória⁴³. Essa articulação, que deve ser entendida no contexto da luta contra o fascismo, é o que lhes confere unidade de sentido. As notas centrais dessa articulação podem ser entendidas nos seguintes termos.

De maneira geral, a *experiência* autêntica é própria de uma organização social comunitária que vem desaparecendo com o advento da modernidade. Na comunidade, havia o respeito por uma tradição, na acepção forte do termo: tradição é *transmissão*, ou seja, aquilo que se difunde, sobretudo oralmente, por intermédio daqueles que viveram mais e mais intensamente e, logo, têm mais histórias a contar, experiências a partilhar e ensinamentos a transmitir⁴⁴. Assim, os indivíduos que integram a comunidade vivem sob a égide da tradição, que perpassa suas vidas e os unifica enquanto parte dela. Essa tradição é responsável por fixar um reservatório de memórias coletivas, cuja ênfase reside mais na forma do que no conteúdo: elas são constituídas menos pela singularidade dos eventos passados do que pelo que a rememoração deles pode contribuir para a transformação do presente. Além – e também por causa – disso, a ideia de memória em Benjamin se baseia menos em um entendimento do passado fixo e cristalizado do que em sua compreensão como um conjunto de possibilidades de atualização. Ela procura, portanto, opor o imobilismo com o qual usualmente se costuma concebê-la à abertura de significação – e com a ampliação do âmbito individual ao político, tal oposição será expressa através de dois aspectos centrais. Por um lado, pela crítica ao Historicismo, contida, por exemplo, de modo sintético na inversão do método de Leopold von Ranke proposto nas afirmações que abrem a tese VI, segundo as quais “[a]rticular o passado historicamente não significa conhecê-lo ‘tal como ele propriamente foi’. Significa apoderar-se de uma lembrança tal como ela lampeja num instante de perigo”⁴⁵. Por outro, na insistência quanto ao “inacabamento do sentido” e ao caráter aberto da história⁴⁶.

⁴³ Ver GAGNEBIN, J. M. “Über den Begriff der Geschichte” in: LINDNER, B (Hrsg.). *Benjamin-Handbuch. Leben – Werk – Wirkung*. Stuttgart, Weimar: J.B. Metzler, 2011, p. 291.

⁴⁴ O termo correspondente em raiz germânica, *Überlieferung* (tradição/transmissão), bem como o verbo *überliefern* (transmitir), conservam a necessidade de transmissão mediada pelo contato interpessoal: não se trata de uma simples entrega (*liefern*), mas de uma transmissão (*überliefern*) de uma pessoa a outra.

⁴⁵ BENJAMIN, W. GS I-2, p. 695 / *WuN* 19, p. 72 [2005, p. 65].

⁴⁶ Essa perspectiva acompanha a interpretação de Gagnebin desde sua tese de doutorado, de 1979, sobre a filosofia da história benjaminiana, cujo subtítulo é justamente “o inacabamento do sentido” [*die Unabgeschlossenheit des Sinnes*]. Para um resumo desta perspectiva, ver GAGNEBIN, J. M. “Prefácio – Walter Benjamin ou a história aberta”, in: *Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura*. 8^a ed. revista. São Paulo: Brasiliense, 2012, pp. 7 ss.

Nesse contexto, o *contador de histórias* forneceria uma espécie de modelo para a comunicação no interior da “comunidade utópica por vir”, a “prosa liberta” (*befreite Prosa*) de que fala Benjamin nas notas preparatórias das *teses*⁴⁷. Dada sua imersão em meio à tradição e, por conseguinte, a facilidade e a destreza com as quais revisita as memórias coletivas e é capaz de descer e subir “os degraus de sua experiência, como numa escada [...]”, cuja base desce até as profundezas da terra e cujo topo se perde nas nuvens⁴⁸, o contador de histórias pode transfigurá-las em parábolas e histórias, de modo a garantir a pluralidade e a abertura de sentido, além de estimular os ouvintes em busca do desvelamento dos conselhos práticos nelas velados.

“Em cada época”, alerta Benjamin em suas *teses* “Sobre o conceito de história”, “é preciso tentar arrancar a transmissão da tradição ao conformismo que está na iminência de subjugá-la”⁴⁹. Há sempre o risco de que o fascismo se apodere dos meios de transmissão da tradição, abrindo possibilidades, de acordo com seus interesses, para falsificações e distorções dos registros da memória coletiva, o que representaria o silenciamento das potencialidades emancipatórias adormecidas em seu seio. E a tarefa a que Benjamin se propõe, recorrendo inicialmente a fontes literárias e a seus desdobramentos políticos ulteriores, corresponde a um esforço teórico que visa impedir que esse silenciamento se estabeleça.

Considerações finais

Espera-se ter ao menos esboçado as principais determinações dos conceitos de *tradição, memória e contar histórias*, considerados a partir do prisma investigativo dado pelo confronto inicial de Benjamin com a literatura, bem como pela extensão do âmbito literário para o político, devidamente amparada pelo entrelaçamento de tais conceitos com a temática da experiência.

Como vimos, Benjamin formula sua compreensão do enfraquecimento da tradição na modernidade a partir da interpretação da poesia lírica de Baudelaire. No diálogo com o romance monumental de Proust, sobretudo com a ideia de *mémoire involontaire*, Benjamin concebe os aspectos mais basilares de sua teoria da memória e da rememoração; além disso, guiados pela “lógica da espiral”, a partir das conexões

⁴⁷ Ver BENJAMIN, W. GS I-3, pp. 1234-5 / WuN 19, p. 140. Para um desenvolvimento mais amplo a respeito deste tema, ver LAMA, F. A. D. “A prosa liberta”: linguagem, messianismo e utopia em Walter Benjamin. *Outramargem: revista de filosofia*. Belo Horizonte, n. 9, 1º semestre 2019.

⁴⁸ BENJAMIN, W. GS II-2, p. 457 [2018, p. 47].

⁴⁹ BENJAMIN, W. GS I-2, p. 695 / WuN 19, p. 72 [2005, p. 65].

íntimas entre os conceitos de correspondências, tradição e rememoração, retomamos alguns aspectos desses conceitos e, examinando-os conjuntamente, ampliamos a compreensão a respeito deles mediante uma iluminação recíproca. A análise do ensaio sobre Leskov, por sua vez, nos permitiu uma compreensão mais fina de aspectos essenciais do contar histórias, bem como do importante papel da linguagem e da comunicação para a manutenção da memória. Não obstante, essas reflexões não ficam restritas a uma análise meramente literária. O “crítico literário” não está de costas para a política, não está de costas, particularmente, à luta contra o fascismo. Assim, expandindo as fronteiras literárias ao âmbito político, abandonando o conforto da fruição estética individual em direção aos meandros da crítica político-social, o enfraquecimento da tradição na modernidade converte-se no bloqueio ao acesso à “tradição dos vencidos”, desconectando-nos de nossos antepassados massacrados pelos opressores e inviabilizando que incorporemos as energias com eles soterradas em nossa luta presente; a temática da rememoração, que em Proust é individual, ao ser transposta ao âmbito político, passa a lidar com a memória coletiva e permite a concepção do passado histórico como algo inacabado; por fim, a politização do contar histórias, por sua vez, dá vazão a uma nova forma de lidar com a linguagem, apropriada a uma comunidade tópica por vir, cujas características essenciais seriam a pluralidade e a abertura de sentido na apresentação das memórias, contra o fechamento do acesso ao passado de estirpe fascista.

Referências Bibliográficas

ADORNO, T.; BENJAMIN, W. *Correspondência 1928-1940*. Tradução de José Marco Mariani de Macedo. São Paulo: UNESP, 2012.

ARENDT, H. “Walter Benjamin (1892-1940)”, in: _____. *Homens em tempos sombrios*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BAUDELAIRE, C. *As flores do mal: edição bilíngue*. Tradução de Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

BENJAMIN, A. “Tradition and Experience. Walter Benjamin's 'On Some Motifs in Baudelaire'”, in: _____. (Ed.). *The Problems of Modernity: Adorno and Benjamin*. London: Routledge, 1989.

BENJAMIN, W. *Gesammelte Schriften*. Hrsg. von Rolf Tiedemann und Hermann Schweppenhäuser. 7 Bände. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1972-1989.

_____. *Gesammelte Briefe*. Hrsg. von Christoph Gödde und Henri Lonitz. 6 Bände. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1995-2000.

_____. “Sobre o conceito de história”, in: LÖWY, M. *Walter Benjamin – aviso de incêndio. Uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”*. Tradução das teses de Jeanne Marie Gagnebin e Marcos Lutz Müller. São Paulo: Boitempo, 2005.

_____. *Werke und Nachlaß. Kritische Gesamtausgabe – Band 19: Über den Begriff der Geschichte*. Herausgegeben von Gérard Raulet. Mit vierfarbigen Faksimiles. Berlin: Suhrkamp, 2010.

_____. “A Imagem de Proust”; “O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”, in: *Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura*. 8ª ed. Revista. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet; revisão técnica de Márcio Seligmann-Silva. São Paulo: Brasiliense, 2012.

_____. “Imagens de pensamento”, in: *Imagens de pensamento – Sobre o haxixe e outras drogas*. Tradução de João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

_____. “Sobre alguns motivos na obra de Baudelaire”, in: *Baudelaire e a modernidade*. Tradução de João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

_____. “O contador de histórias. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”, in: *A arte de contar histórias*. Organização e posfácio de Patrícia Lavelle; tradução de Georg Otte, Marcelo Backes e Patrícia Lavelle. São Paulo: Hedra, 2018.

_____. “O contador de histórias: reflexões sobre a obra de Nikolai Leskov”, in: *Linguagem, tradução e literatura (filosofia, teoria e crítica)*. Tradução de João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2018a.

_____. *Passagens*. Org. Willi Bolle. Tradução do alemão de Irene Aron; tradução do francês de Cleonice Paes Barreto Mourão; revisão técnica de Patrícia de Freitas Camargo. Belo Horizonte: UFMG, 2018b.

BERDET, M. *Eight Thesis on Phantasmagoria. Anthropology & Materialism* [Online], vol. 1, 2013. Disponível em: <<https://doi.org/10.4000/am.225>>. Acesso em: 16/11/2020.

BOLZ, N. É preciso teologia para pensar o fim da História? *Revista USP*, set./out./nov. 15(3), 1992. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i15p24-37>>. Acesso em: 22/11/2020.

GAGNEBIN, J. M. “Über den Begriff der Geschichte”, in: LINDNER, B (Hrsg.) *Benjamin-Handbuch. Leben – Werk – Wirkung*. Stuttgart, Weimar: J.B. Metzler, 2011.

_____. “Prefácio – Walter Benjamin ou a história aberta”, in: BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura*. 8ª ed. Revista. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet; revisão técnica de Márcio Seligmann-Silva. São Paulo: Brasiliense, 2012.

GATTI, L. *Memória e distanciamento na teoria da experiência de Walter Benjamin*. Dissertação (Mestrado), Universidade Estadual de Campinas, 2002.

_____. O *ideal* de Baudelaire por Walter Benjamin. *Trans/Form/Ação* (São Paulo), v. 31(1), 2008. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0101-31732008000100007>>. Acesso em: 22/11/2020.

HARTUNG, G. "Mythos", in: OPITZ, M.; WIZISLA, E. (Hrsg.). *Benjamins Begriffe*. Bd 2. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2000.

LAMA, F. A. D. "A prosa liberta": linguagem, messianismo e utopia em Walter Benjamin. *Outramargem: revista de filosofia*. Belo Horizonte, n. 9, 1º semestre 2019, pp. 49-60. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/outramargem/article/view/12584/11894>>. Acesso em: 20/11/2020.

LINDROOS, K. Scattering community. Benjamin on experience, narrative and history. *Philosophy & Social Criticism*, vol. 27, n. 6, 2001. Disponível em: <<https://doi.org/10.1177/019145370102700602>>. Acesso em: 20/11/2020.

LÖWY, M. *Para uma sociologia dos intelectuais revolucionários: a evolução política de Lukács (1909-1929)*. Tradução de Heloísa Helena A. Mello e Agostinho Ferreira Martins. São Paulo: LECH, 1979.

LUKÁCS, G. *A teoria do romance. Um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica*. Tradução de José Marco Mariani de Macedo. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2009.

MARX, K. *Manuscritos econômico-filosóficos*. Tradução de Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2010.

MUSTO, M. Os Manuscritos econômico-filosóficos de 1844 de Karl Marx: dificuldades para publicação e interpretações críticas. *Caderno CRH*, vol. 32, n. 86, Salvador, Mai/Ago 2019, pp. 399-418. Disponível em: <<https://doi.org/10.9771/ccrh.v32i86.25803>>. Acesso em: 25/11/2020.

PINHO, A.; MACHADO, F. P. "Coligir, traduzir, editar W. Benjamin. Notas sobre uma coleção que inicia", in: BENJAMIN, W. *A arte de contar histórias*. Organização e posfácio de Patrícia Lavelle; tradução de Georg Otte, Marcelo Backes e Patrícia Lavelle. São Paulo: Hedra, 2018.

Recebido em: 30/10/2020.

ACEITO PARA PUBLICAÇÃO EM: 12/01/2021.

© Fernando Araújo Del Lama. Esse documento é distribuído nos termos da licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional (http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/deed.pt_BR).